

Apresentação

Com este, a Revista da SEP chega ao número vigésimo quinto e entra em seu décimo terceiro ano de existência. Olhando para trás e vendo o seu próprio percurso difícil e atribulado, sempre na margem da corrente principal, confessa que está orgulhosa de sua história de resistência e de sua postura de independência. Ela se opôs principalmente aos mandamentos metodológicos da economia positiva e ao seu característico cientificismo anti-humanista. Preservando o melhor da tradição científica e filosófica da época moderna, manteve-se constantemente na crítica do existente assim como do pensamento que o sanciona com o melhor dentre os mundos possíveis. Sem qualquer arrependimento e vacilação, ela insistiu destemidamente na análise das estruturas do capitalismo e na crítica da economia política em geral.

Eis, porém, que toda uma variada gama de correntes tecnocráticas, como se sabe, vem imperando com extraordinária empáfia e tirania na esfera da compreensão do sistema capitalista. Por um lado, esse saber dominante nunca deixou de ser vulgar, pois sempre se esmerou em apreender apenas os nexos externos entre os fenômenos. E, nesse sentido, conservou-se continuamente no serviço da acumulação de capital, sob o nome de crescimento econômico. Por outro, no pós-guerra, ademais de saber meramente técnico necessário à gestão do sistema, tornou-se instrumento educacional totalitário que busca se propagar com o propósito de fazer cabeças, forjar subjetividades, desqualificando e eliminando toda crítica possível. Nesse caminho, chamando-se a si mesma, na língua imperial, de *mainstream*, deixou de seguir a lógica reflexiva e crítica da ciência moderna para seguir a lógica impositiva e manipulatória da indústria cultural, pós-moderna.

A Revista da SEP surgiu para ser um meio de expressão daqueles que julgavam necessário remar a contracorrente num campo do conhecimento tomado, dominado e devastado pelas correntes acima mencionadas. As suas páginas têm permitido a publicação de artigos que contrariam as tendências dominantes e que fazem a crítica tanto do capitalismo quanto das teorias econômicas meramente funcionais para a sua existência. Por decisão da Diretoria, para que não haja equívocos com relação à sua natureza de publicação heterodoxa e de esquerda, a Revista da SEP passa a ter uma orientação editorial explícita, a qual se segue:

A Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política tem publicado e continuará publicando artigos científicos de diversas tendências teóricas – inspiradas sejam em Marx, Keynes, Schumpeter entre outros – desde que mantenham atitude crítica em relação ao capitalismo ou oposição teórica às correntes ortodoxas, liberais ou neoliberais. Ademais, faz opção clara por artigos que não privilegiam a linguagem da matemática e que não tratam a sociedade como mera natureza. Em suma, ela discorda fortemente dos critérios de cientificidade dominantes entre os economistas por considerá-los inadequados e falsos. Considera, ademais, que esses critérios têm sido usados como forma de discriminação contra o que há de melhor e mais relevante em matéria de investigação científica nessa esfera do conhecimento. Dentro dessa orientação editorial e desde que estejam respeitados os requisitos básicos de um trabalho científico de qualidade, a Revista da SEP mantém o compromisso de que os artigos recebidos serão sempre julgados isonomicamente, pelo critério da dupla revisão.

Neste número, dentro desse espírito investigativo e crítico, são publicados cinco artigos. O primeiro deles, de Claus Gerner, tem objetivos teóricos no campo das concepções marxistas sobre a reprodução das estruturas do modo de produção capitalista. Concentra-se num tópico particular pouco estudado, procurando estabelecer os vínculos entre a receita pública, a circulação monetária e o processo de reprodução do capital, com base nos desenvolvimentos categoriais de *O Capital*. O segundo, de Reinaldo Gonçalves, examina se as divergências de estratégias de desenvolvimento de longo prazo podem causar retrocesso nos processos de integração econômica regional. Mantendo um enfoque de economia aplicada, examina a veracidade dessa hipótese com base em dados históricos dos países que formam o MERCOSUL. O terceiro, de Fernando Matos, debruça-se criticamente sobre o neoliberalismo. Entabula argumentos para tratar certas teses, tais como a do fim dos empregos, a da dissolução dos estados nacionais e a da resistência do modelo de mercado de trabalho norte-americano, como mitos. O quarto artigo, de Carlos Lanzarini, dedica-se inteiramente a discutir o desenvolvimento recente da economia brasileira. Examina, em particular, o processo de crescimento da dívida interna nos primeiros anos depois da implementação do Plano Real, mostrando como o seu andamento decorreu da própria natureza desse plano antiinflacionário de estabilização econômica. Finalmente, o quinto artigo discute e faz a crítica da teoria neoclássica da discriminação. O seu autor Pedro Chadarevian sustenta aí que é preciso buscar modos de análise alternativos à teoria neoclássica para a compreensão da discriminação racial, se é que o objetivo vem a ser, verdadeiramente, a construção de uma sociedade igualitária entre brancos e não-brancos em nosso país.

O Editor